

CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA

Clarissa Íris Rocha Leite¹

Universidade Federal da Bahia

Irlm.clarissa@gmail.com

Eleneide Alves da Silva²

Universidade Estadual da Paraíba

eleneideasilva@yahoo.com.br

RESUMO: Esse trabalho é fruto de uma pesquisa-ação realizada com estudantes de graduação em psicologia da Universidade Estadual da Paraíba. Participaram do estudo 28 estudantes durante o primeiro ano e 20 no segundo ano da graduação. Adotamos uma prática metodológica pautada na educação popular que visa contribuir na construção ou ampliação da auto-percepção profissional dos participantes sob um olhar crítico. Durante essa experiência refletimos sobre a formação do psicólogo e do currículo, considerando-os como elementos de construção e reconstrução da identidade deste estudante. Ele passa de sujeito em transformação à agente ativo.

PALAVRAS-CHAVE: identidade, formação, psicologia.

ABSTRACT: This paper is the result of an action research conducted with undergraduate students in psychology at the State University of Paraíba. Study participants were 28 students during the first year and 20 in the second year of graduation. We take a methodological practice based in the popular education that aims to contribute in the construction or expansion of professional self-perception of participants in a critical eye. During this experience reflect on the training of psychologists and curriculum, considering them as elements of construction and reconstruction of the identity of this student. He is changing the subject of active agent.

KEY WORDS: identity, formation, psychology

¹ Psicóloga formada pela Universidade Estadual da Paraíba (2007). Mestranda em Medicina e Saúde pela Universidade Federal da Bahia.

² Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (1997), Psicóloga, Professora Brasil.

1. Contextualização

Este trabalho é fruto de uma pesquisa-ação realizada com estudantes do ensino superior do curso de graduação em psicologia (formação psicólogo e licenciatura) na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) com o mesmo grupo de estudantes em duas etapas da formação, no final do primeiro ano e durante o segundo ano de curso. Esse tipo de pesquisa compõe o que Franco (2005) chama de um “vasto mosaico de abordagens teórico-metodológicas”. Buscamos realizar um estudo com a intenção de provocar uma transformação social-participativa, privilegiando a experiência, ocorrendo não apenas uma coleta de dados, mas uma vivência prática, por meio da troca de saberes entre os participantes e pesquisadores, interagindo na produção de novos conhecimentos.

Refletimos sobre a formação do psicólogo e sobre o currículo, considerando-os como elementos de construção e reconstrução da identidade deste estudante. Adotamos uma prática metodológica pautada nos pressupostos da educação popular que visa contribuir na construção ou ampliação da auto-percepção profissional dos participantes sob um olhar crítico.

A ideia desta pesquisa nasceu das inquietações da própria experiência como acadêmica e também como desdobramento enquanto representante estudantil. Enquanto acadêmica, este trabalho exala a angústia vivenciada na comissão de reforma curricular, nas discussões sobre currículo dentro do movimento estudantil, em seus diversos espaços, entre eles: Centro Acadêmico de Psicologia UEPB (CAPSI), Coordenação Nacional de Estudantes de Psicologia (CONEP), nos grupos de trabalhos de encontros estudantis nacionais e regionais (Encontro Nacional dos Estudantes de Psicologia e Encontro Regional dos Estudantes de Psicologia Norte/Nordeste) e nas discussões com estudantes de outras Universidades. Participação em eventos de psicologia, como o encontro nacional da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Psicologia (ABEP).

Essa pesquisa ocorreu em um momento avaliado como muito oportuno politicamente, pois os estudantes estavam intrinsecamente mobilizados as demandas da formação. Ocorrendo diversas reuniões com participação em massa de todos os estudantes, passeatas, protestos, apitassos, eventos que ocorreram de 2002 até 2007, luta ativa e persistente do movimento estudantil por instalações físicas para o funcionamento do departamento e clínica.

Bettoi e Simão (2000) acreditam que são importantes e necessários estudos voltados às concepções que os calouros estudantes de psicologia têm sobre a profissão, considerando que

suas opiniões influenciarão nas relações que ele virá a estabelecer e, consequentemente, nas escolhas que nortearão sua formação.

É nesse contexto, que surge esse trabalho, buscando construir um espaço possível para valorizar os olhares e anseios dos estudantes sobre sua formação e suas vidas, fomentando a construção de algo que permita que os sujeitos se integrem à construção acadêmica, visando uma formação generalista e participativa. Ao mesmo tempo, objetivamos o fortalecimento de uma identidade ligada a possibilidades amplas de ação crítica e reflexiva.

1. Identidades

Como definir identidade? Nesta pergunta estão concentradas muitas dúvidas sobre esse termo que se apresenta enquanto uma categoria de estudo, sendo antes um ente real que provoca desdobramentos em nossas vidas. Buscaremos nessa sessão apresentar alguns conceitos que orientam nossa compreensão e diferentes dimensões que envolvem o processo de construção da identidade.

De acordo com Ciampa (1984), a identidade é um fator dinâmico, contém elementos e características múltiplas que estão sendo parte daquele momento histórico do sujeito. Ela não está “pronta e acabada”, mas sim, em constante movimento e transformação, sendo assim metamorfose. Identidade é formada por “como eu me identifico”, por como “os outros me identificam” e por como “a sociedade, de uma maneira geral, me identifica” (CIAMPA, 1984). Esta formação não é simples e nem estática, não é um quebra-cabeça, que uma vez montado, alcança sua forma perfeita. A forma perfeita da identidade é impossível, portanto, a identidade, ou as identidades, estão sempre dialogando com o mundo, modificando-se. Os resultados da formação das identidades são variáveis e incertos. Devemos considerar, portanto, a identidade enquanto uma forma volúvel e nunca fixa, formada pelas polissemias que o contexto em que o indivíduo está inserido oferece.

Assim, a identidade vai sendo constituída pelo elemento de diferenciação e igualdade, o reconhecimento por parte dos grupos sociais. Processo marcado pela ação no mundo. Hall e Woodward (2000) demarcam que na construção da identidade existem algumas diferenças que são demarcadas e outras que podem ser omitidas, havendo uma espécie de negociação.

O reconhecimento social por parte do grupo é fundamental na constituição da identidade social. Constituições marcadas por ritos sociais, ritos que fazem as identidades pressupostas serem repostas. Hall e Woodward (2000) acreditam que para construção e manutenção das identidades é necessária a marcação simbólica, que tem a função de dar

sentido às práticas e às relações sociais. Assim, o símbolo é tomado como um significado que traz consigo representações importantes que delineiam as diferenças no processo de identificação. Os símbolos não apenas afirmam, mas também reafirmam as identidades, identificando o pertencimento a um determinado grupo social.

Os símbolos e representações constituem um discurso que define culturas e constituem identidades (HALL, 2005). Na produção dessas formas de identificações, os sentidos simbólicos aproximam diferentes formas de experiência, podendo haver uma pluralização de identidades, conforme o jogo de interesses.

Para os autores Jódar e Gómez (2004) seria importante a experiência de um sujeito sem identidade, descartando a identidade fechada e imposta, experimentando e reinventando individual e coletivamente. Castells (1999) denomina a existência de três tipos de identidade: legitimadora, de resistência e de projeto. A identidade legitimadora, objetiva validar as normas e valores das instituições dominantes da sociedade, além disso, esta identidade também corresponde ao produto da era da globalização, identidades produzidas. A identidade de resistência é formada em oposição à legitimadora, por aqueles estigmatizados ou desvalorizados. Já a identidade de projeto se constitui em uma nova identidade, redefinindo a posição na sociedade.

É dentro desse contexto que procuramos delinejar as identidades do estudante de psicologia utilizando como pressuposto básico o processo de formação deste.

2. Formação em Psicologia

Tendo como finalidade contextualizar o leitor sobre nosso objeto de estudo, a identidade do estudante de psicologia, buscaremos, nesta sessão, fazer um breve passeio por temas que sustenta seu universo da formação em psicologia.

O Brasil foi pioneiro na regulamentação da psicologia como profissão. Foi fundado em 1953 o primeiro curso, e 1962 o Conselho Federal de Educação fixou o currículo mínimo regulamentando assim a profissão e a formação em psicologia (BERNARDES, 2004).

Diversos são os estudos avaliando o percurso histórico da psicologia no Brasil. Segundo Bock, Furtado e Teixeira (1989), inexiste uma unidade teórica das ciências psicológicas, e, essa diversidade, faz com que exista um distanciamento da atuação do psicólogo com o contexto social, fazendo-se necessário o fortalecimento de uma identidade profissional e compromisso social.

Dimenstein (2000) acredita que a psicologia que está presente em nossas universidades tem legitimado práticas hegemônicas, contribuindo para o controle social, ensinando o sujeito a adaptar-se às circunstâncias sociais. Dessa forma, a formação apresenta-se embebida numa ideologia dominante, com práticas pretendidas como apolíticas e neutras.

Para Witter et all (1992) a formação do psicólogo está alicerçada sobre dois principais pilares: a grade curricular do curso e outras atividades que integram o currículo. Pardo (1994) acrescenta que é por meio da preparação, no período abrangido pela graduação, que deve ocorrer a aquisição de princípios, técnicas e atitudes. Estes autores propõem um modelo de análise para compreensão da formação profissional do psicólogo, este, visa a sistematização de dados para estudos sobre a formação, adotando como um instrumento para realização de pesquisas, no qual, a formação é estruturada permitindo a organização de informações em três módulo: a legislação, o conteúdo e a dinâmica do processo.

A formação do psicólogo é, segundo Bernardes (2004, p.27), a “porta de entrada para construção do profissional” sendo um importante elemento na intervenção sobre o espaço social. Desta forma, pensar a formação é pensar no currículo como diretriz norteadora desta futura ação, e da própria contribuição dos sujeitos na construção social. Existe um caráter manipulável do currículo, pois, por meio da negociação entre seus variados participantes, se legitimam as relações de poder, redes e jogos de interesses.

Segundo Silva (2010), o currículo é também um artefato cultural. Sempre é demarcado pela escolha de uma informação em detrimento da outra, orquestrado pela lógica da eficiência e da produtividade, se constituindo um discurso que reduz ou até aniquila a diferença. Num jogo de poder identitário. Pois todo discurso é um discurso sobre o homem, cultura e sociedade.

Seguindo esta linha de pensamento, Dimenstein (2000) retrata que a formação do psicólogo delineada pelo currículo de psicologia é uma substância marcadamente histórica na qual modelos e saberes refletem uma prática social hegemônica.

O currículo de psicologia passa por um processo de reformulação, delineado por diretrizes³ que têm como principal objetivo fortalecer uma formação generalista e plural.

O Projeto Político-Pedagógico do Curso de Psicologia da UEPB é um dos pioneiros na reformulação curricular que começou em 1995 e seguiu dinamizado até o momento desta pesquisa por meio de uma comissão curricular permanente e ativa constituída por docentes e discentes. O currículo UEPB aprovado em 1998 para o curso de graduação de psicologia da

3 Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia (BRASIL, 2002).

UEPB oferece ao aluno duas habilitações, Formação em Psicologia e Licenciatura em Psicologia, habilitando respectivamente a formação do psicólogo e do ensino em psicologia no ensino médio.

3. Percurso metodológico

Participaram estudantes de uma turma de graduação em psicologia, mesmos sujeitos em dois diferentes momentos da formação: 28 participantes durante o primeiro ano e 20 no segundo ano da graduação. O número de participantes dos dois momentos sofreu alteração devido à desistência de alguns alunos do curso.

O trabalho foi desenvolvido nos meses de março e abril de 2006 e de abril a maio de 2007 na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) na cidade de Campina Grande PB.

Os instrumentos para coleta de dados e análise foram:

- Observação direta das vivências e reflexões e discussões.
- Os dados foram registrados em um relatório a cada encontro.
- Os registros foram feitos por um colaborador que transcreveu as falas.
- Produção livre de desenhos.
- Os desenhos foram analisados com base na análise temática de conteúdo (BARDIN, 1978).
- Produção teatral.
- As vivências teatrais foram gravadas em vídeo e analisadas conforme orientações de Bardin (1978).

Todo desenvolvimento da presente pesquisa foi realizada seguindo recomendações éticas, assegurando a confidencialidade, privacidade e a proteção da imagem dos participantes, onde a gravação em vídeo foi utilizada exclusivamente para análise e houve declaração de consentimento por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

4. Método de intervenção e pesquisa

Nossa intervenção teve como principal aporte metodológico a Educação Popular. Durante o primeiro ano da graduação privilegiamos a experiência de um espaço de construção, no qual ocorreu a produção livre de desenhos, vivências, reflexões e discussões sobre a formação.

Posteriormente, durante o segundo ano de graduação, realizamos uma proposta de intervenção inspirada no Sociodrama de Moreno, e no Teatro do Oprimido de Boal. “O Teatro do Oprimido é uma forma de psicodrama, trabalhada por Augusto Boal, com modelos teatrais específicos e regras próprias” (GONÇALVES, 2005, p. 60). Encontramos na literatura estudos com semelhantes propostas metodológicas em Mesquita (2000), Nery e Conceição (2005), Gonçalves et all. (2005).

Foi realizada uma pesquisa-ação, com metodologia pautada nos princípios da Educação Popular e inspirada nas contribuições freireanas (FREIRE, 1977, 1983, 1988, 1997),

Dessa forma, procuramos relacionar teoria e prática, recriando a nossa atuação, enquanto pesquisadores-estudantes, e a de nossos colegas. Pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1986).

Segundo Mailhiot (1985) a pesquisa-ação tem origem nos trabalhos de Kurt Lewin. Para este autor, os fenômenos de grupo não revelam as leis internas de sua dinâmica senão aos pesquisadores dispostos a se engajar pessoalmente. Portanto, o pesquisador deve implicar-se no futuro das realidades sociais que tenta explicar sem deixar de objetivar-se ao seu respeito.

Franco (2005, p. 485) nos indica que “existem diferentes incorporações teóricas ao conceito e à prática da pesquisa-ação”. Em nosso trabalho, concebemos a pesquisa-ação como um instrumento pedagógico e científico, pois esta proporciona uma experiência que visa à troca de saberes entre pesquisador e pesquisado, tendo as produções discutidas, analisadas e interpretadas. Não se trata de condução do processo, mas a adoção de uma postura verdadeira diante da pesquisa. Nessa, a ação e intenção por parte do pesquisador é consciente.

O planejamento de uma pesquisa-ação, segundo Thiollent (1986), segue diversas fases, que vão desde a exploratória, quando se realiza um levantamento das informações iniciais, passando pela demarcação dos objetivos da pesquisa e definição do tema, havendo posteriormente o planejamento das ações correspondentes, e definindo o lugar da teoria e da metodologia. No caso, elegemos a Educação Popular como referencial teórico-metodológico.

Nos encontros promoveremos a discussão sobre a temática da identidade do estudante de psicologia, a simbolização do desconhecido: “o currículo”, por conseguinte o debate sobre

a estrutura de formação. Ao problematizar a questão, a pesquisadora pretende analisar a identidade do estudante de psicologia, e as possibilidades de reposição desse papel.

5. Identidades: borboletas nas asas da psicologia

Por meio dessa experiência metodológica, via educação popular discutimos a formação do psicólogo. Os resultados desse trabalho foram analisados buscando compreender as construções e reconstruções identitária do estudante em formação.

Durante o primeiro ano de curso, privilegiamos a discussão temática sobre o currículo de psicologia na UEPB. Construímos juntos conceitos do que seria cada componente curricular e qual o papel de cada um na formação. Já no segundo ano de curso, buscamos construir uma vivência mais interpretativa, por meio da simbiose de técnicas de psicodrama (MORENO, 1993) e do teatro do oprimido (BOAL, 1985, 1990, 1999).

Os estudantes ficaram surpresos em conhecer a grade curricular da UEPB, após a reforma de 1998 estabelecer eixos temáticos que direcionam a formação geral, são eles: 1ºANO - Concepções da natureza Humana, 2ºANO - Processos de subjetivação Psicológicas, 3ºANO - Processos de Investigação Teórico-Prático em Psicologia, 4ºANO - Psicologia e áreas de atuação, 5ºANO - Processos de intervenção psicológica. Tendo ao longo da formação atividades consideradas básicas, complementares e eletivas. Essas atividades são divididas ao longo de cinco anos de curso. As atividades básicas estão voltadas à formação generalista; as atividades complementares ao aprofundamento e caráter prático da formação; e as eletivas suscitam a formação geral e específica nas áreas de atuação. Elas são oferecidas a partir do 4º ano com habilitação e respectiva abordagem teórica, devendo haver flexibilidade curricular.

Os elementos que compõem a identidade do estudante de psicologia durante o primeiro ano de curso configuraram-se em um mosaico que abrange diferentes concepções da psicologia e da formação do psicólogo. No entanto, este mosaico que inicialmente mais parece um processo de desconstrução, quando organizado contribui para expor olhares, percepções, pensamentos, angústias e desejos de um grupo que, através de um trabalho calcado na reflexão-ação, constitui o desenho de sua história e quiçá a construção de um novo paradigma do que vem a ser o estudante.

O resultado da análise de conteúdo de Bardin (1978) configurou cinco categorias e subcategorias, agrupados em diferentes elementos conforme mostra o quadro:

• SUBCATEGORIAS→AGRUPAMENTOS	IDEALIZAÇÃO	FRAGMENTAÇÃO	SÍMBOLOS	TRADICIONAL	CURRÍCULO
	• IDEALIZAÇÃO DA PSICOLOGIA E DO PSICÓLOGO	• ABRANGÊNCIA DA ATIVIDADE DO PSICÓLOGO CLÍNICO, HOSPITALAR E ESCOLAR	• SÍMBOLO OFICIAL - LETRA GREGA PSI (Ψ)	• PSICOLOGIA MODELO PSIQUIÁTRICO	• DESCONHECIMENTO X
	• SALVADOR DAS ALMAS	• COMPETÊNCIAS DISTINTAS DA PSIQUE HUMANA,	• SÍMBOLOS EM BANDEIRAS,	• CÉREBROS, MEDICAMENTOS	• DESCOBERTA
	• DECIFRAR DOS MISTÉRIOS DA MENTE HUMANA	• EMOÇÃO,	• FIGURAS	• ANTI-DEPRESSIVOS	• PRÁTICA CRIATIVA
	• MITOLOGIA	• SENSIBILIDADE	• CONCEPÇÕES DA PSICOLOGIA MAIS ESPIRITUAL, ORIENTAL OU METAFÍSICA	• ATIVIDADE DO PSICÓLOGO CLÍNICO	• ESTÁGIOS PRIVILEGIA A TEORIA X PRÁTICA
	• O PSICÓLOGO HERÓI,	• IDENTIFICAÇÕES	• YIN-YANG,	• CONSULTÓRIO DE PSICOLOGIA,	• CARGA HORÁRIA DE ALGUNS COMPONENTES INSUFICIENTES
	• O ANTI-HERÓI QUE LUTA, SONHA E CONQUISTA,	• FRAGMENTADAS	• OLHOS,	• HOSPITAL DE PSICOLOGIA,	• PROCESSOS
	• SALVADOR MENTES,	• ESCADAS,	• ESTRELAS,	• HIPNOSE,	• AUSÊNCIA DE COMPONENTES CURRICULARES
	• BUSCA DA VERDADE	• QUEBRAS,	• ANJOS,	• BIOLÓGICO	• HISTÓRIA DA PSICOLOGIA
		• RUPTURAS	• DEMÔNIOS,	• PSICANÁLISE	• SAÚDE PÚBLICA
		• CONFLITOS	• MANDALAS,	• DIVÂ	
		• SIM, NÃO, TALVEZ, NÃO SEI PARA ONDE,	• O OLHO DE HÓRUS	• INCONSCIENTE	
		• MUITOS CAMINHOS,	• RELAÇÃO ESPIRITUAL E		
		• INTERROGAÇÕES	• OLHO DE HÓRUS E CÉREBRO		
		• DUALIDADE	• BORBOLETA		
		• MASCULINO/FEMININO,	• LIBERDADE,		
		• SIM/NÃO,	• O VÔO,		
			• TRANSFORMAÇÃO		

Os sentidos produzidos pelo grupo foram sistematizados e classificados em diferentes aspectos. Dessa forma, a identidade vai sendo constituída pela diversidade do grupo e adquire relevância na vida e nas escolhas durante a formação.

A entrada na universidade é considerada um rito social significativo que demarca a primeira transformação reposição identitária enquanto psicólogo em formação, dando sentido as novas práticas e as relações sociais conforme discutido por Hall e Woodward (2000).

Na passagem do primeiro para o segundo ano de curso percebemos a existência de alguns elementos repositórios, corroborando com aspecto dinâmico que envolve a

constituição da identidade, assim, de acordo com o momento histórico do sujeito múltiplas identidades foram evidenciadas.

Comparando as identidades do primeiro com as do segundo ano o primeiro ponto a ser considerado foi a identificação com o símbolo oficial da psicologia, diferentemente do primeiro ano no segundo não houve sequer menção da letra grega psi, ou seja, sugerimos que existiu um andamento na constituição identitária que, durante o segundo ele se despe desse elemento. Podemos compreender que ocorre no primeiro ano um rito, e a própria demarcação do símbolo da psicologia torna-se um elemento de reconhecimento do estudante, assim ele interpreta socialmente o novo papel, deixando de ser um estudante e se tornando um estudante de psicologia. Corroborando com a ideia de Hall e Woodward (2000), retratam que os ritos que fazem com que as identidades pressupostas sejam respostas e, dessa forma, os símbolos não apenas afirmam, mas também reafirmam as identidades, identificando o pertencimento a um determinado grupo social.

A reposição de papéis faz o estudante de psicologia do segundo ano assumir diversas identidades, enquanto que no primeiro ano havia uma idealização do psicólogo e uma aproximação da atividade clínica. Durante o segundo ano de curso ele demonstra uma identidade que rompe com esse modelo de formação, desejando ir além não apenas no que se refere à área clínica, mas o desejo que construir uma nova psicologia.

É pertinente lembrar que é impossível que tais reflexões formem uma única identidade, pois o que se forma nessa experiência são identidades, que estão sempre dialogando com o mundo e consequentemente se modificando. Assim, vimos a identidade do estudante de psicologia como um processo e não como um produto, conforme proposto por Hall e Woodward (2000).

Seguindo este raciocínio, o estudante tem sua identidade no primeiro ano em processo de transformação (auto atribuição da borboleta) e no segundo ele se mostra como um agente transformador, ressignificando os referenciais da psicologia. Assim, os referenciais transformam o psicólogo herói e mitológico em o psicólogo transformador social e em busca de um sonho.

Foi possível pela metodologia teatral que o estudante realizasse um ensaio, fortalecendo a superação dessas experiências consideradas por eles como críticas. A experiência teatral possibilitou, na nossa compreensão, o alcance de uma invenção e reinvenção de identidades, aproximando-se da proposta de Jódar e Gómez (2004) no que se refere à possibilidade de um sujeito sem identidade, com o poder de se reinventar socialmente, ilimitado, ele pode alçar voos experienciando novas identidades.

Castells (1999) nos mostra que através dos movimentos sociais, numa sociedade em rede é possível subverter a ordem e, sendo assim, constituir uma identidade de projeto. Acreditamos que esse trabalho possibilitou o fortalecimento de uma experiência reflexiva contínua, para que possamos redefinir nossa posição na formação e na sociedade, contradizendo valores e moldes enraizados na formação e assumir lutas defensivas e ofensivas. Constituindo um arcabouço de críticas e de caminhos e sugestões que podem orientar um novo olhar sobre a formação.

Assim se permitir repensar a formação é permitir, em longo prazo, repensar toda uma sociedade. Visando o fortalecimento de um compromisso social pelo profissional de psicologia, Bock (1997) acredita que devemos propiciar o fortalecimento de uma identidade profissional. Propomos que na mesma medida necessitamos também realizar o fortalecimento de uma identidade do estudante de psicologia, proporcionando uma formação para a transformação social e acesso aos fazeres e saberes psicológicos de maneira crítica. Constituindo o que Castells (1999) chama de identidade de projeto, sugerimos que essa pode ser experimentada via movimento estudantil.

Existe por parte dos sujeitos uma grande preocupação quanto à reforma curricular, pois a “revisão curricular não é um simples retirar e incluir disciplinas de acordo com a perspectiva ou a teoria da moda” (BERNARDES, 2004, p. 3), mas um processo amplo que envolve o questionamento da própria ciência inserida historicamente. Também foi criticada a organização da grade curricular anual, pois esta é inflexível e leva ao abandono do curso. Sugere-se ainda a ampliação das atividades eletivas de formação geral, disciplinas transversais que deveriam ser escolhidas pelos alunos.

Avaliou-se o sucateamento das atividades eletivas de formação geral, pois estas atividades só são disponíveis no quarto ano o que inviabiliza uma formação generalista. Além disso, ocorre uma discrepância entre as ementas e o assunto estudado em sala de aula, segundo Perrenoud (2003) na cultura escolar existe o currículo prescrito e o currículo real, e a diferença entre ambos reside no que está na teoria e o que é vivenciado na prática.

Segundo Silva (2010), o currículo é demarcado pela escolha de uma informação em detrimento da outra cabe supor que o privilégio/escolha de certas áreas da psicologia são escolhas de poder, no caso, exercido por muito tempo pelas teorias clínicas tradicionais.

A partir destas experiências, tornou-se possível reafirmar a importância da participação dos estudantes na Comissão de Reforma Curricular. Entretanto, fatores como o desconhecimento da conjuntura curricular, por parte de quantidade relevante dos docentes e discentes, a falta de interação entre os docentes, mesmo em disciplinas colegiadas e a falta de

diálogo interferem na postura do departamento frente à reflexão sobre a formação, fazendo com que tenhamos cada vez mais uma formação individualista e individualizante. Diante de tudo isto, não é surpresa que o aluno se sinta perdido e desvalorizado.

Para dar conta desse compromisso social é necessário nos propormos a pensar mais sobre a sociedade a qual estamos inseridos e sobre que proposta de psicologia sonhamos. Um percurso ao reconhecimento da diversidade da psicologia é a tomada de uma postura de educação multicultural, conforme discutido por Canen (2002), construindo assim um currículo que busque contemplar as diferenças, desafiando os preconceitos, promovendo a pluralidade cultural, a sensibilidade, visando à desconstrução de discursos que silenciam ou estereotipam, buscando superar os dogmatismos e radicalismos.

A figura da borboleta materializa o elemento de identificação principal na formação, nesse processo as antigas larvas, então borboletas reafirmam que, certamente mudarão de cores e amadurecerão enquanto profissionais da psicologia, marcados sempre por processos repositórios de identidade profissional. Os agora estudantes abrirão então as asas, marcadas pelas cores pessoais e grupais, pela identidade própria e coletiva e alçarão novos voos, em ares desafiadores.

Referências

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia**. Brasília, DF, CNE/CES n.º 72 20 de fevereiro de 2002.
- BERNARDES, Jefferson de Souza. **O debate atual sobre a formação em psicologia no Brasil**. Permanências, rupturas e cooptações nas políticas educacionais. São Paulo, SP, PUCSP, Programa de Estudos Pós-Graduados em psicologia social. 2004.
- BETTOI, Waldir. SIMÃO, Livia Mathias. **Profissionais para si ou para os outros?** Algumas reflexões sobre formação dos psicólogos. *Psicologia Ciencia e Profissao* . 20 (2), 2000, p. 20-31.
- BOAL, Augusto **Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.
- _____, _____. **O Arco-Iris do Desejo Método Boal de Teatro e Terapia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.
- _____, _____. Jogos para atores e não atores. Civilização Brasileira, 1999.

BOCK, Ana Maria Mercês.. **Aventuras do Barão de Munchhausen na psicologia.** São Paulo: Educ, 1997.

BOCK, _____, FURTADO, Odair e TEIXEIRA, Maria de Lourdes T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia.** São Paulo: Saraiva, 3^a Ed., 1989.

CANEN, Ana. **Sentidos do multiculturalismo:** desafios curriculares para o novo milênio. In: LOPES, Alice Casimiro. MACEDO, Elizabeth. **Curriculum: debates contemporâneos.** São Paulo. Cortes, 2002, p.174-198.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 3^a ed. São Paulo: Paz e terra, 1999.

CIAMPA, A. Identidade. In: LANE, S. T. M.; CODO, Wanderley. **Psicologia social: o homem em movimento.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

DIMENSTEIN, Magda. **A cultura profissional do psicólogo e o ideário individualista:** implicações para a prática no campo da assistência pública à saúde. **Estudos de Psicologia.** 2000. p.95-121.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia da Pesquisa-Ação.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1977

_____, _____. **Educação como Prática de Liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1983.

_____, _____. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988.

_____, _____. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra. 1997.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin et al . Violence in the schools, educational practices and teachers' training. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 35, n. 126, 2005.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-1574200500030006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 May 2007. Pré-publicação. doi: 10.1590/S0100-15742005000300006

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 7^a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença:** A perspectiva de estudos Culturais. trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

JÓDAR, Francisco. GÖMEZ, Lúcia. **Experiementar o presente:** sobre a conformação de novas identidades. v.29. N.1. Dossiê Michel Foucault. Educação e realidade. Porto Alegre. 2004 p.139-154.

MAILHIOT, Gerald Bernard. **Dinâmica e gênese dos grupos.** 6^aed. São Paulo: Duas cidades, 1985.

MESQUITA, Ana Maria Otoni. **O psicodrama e as abordagens alternativas ao empirismo lógico como metodologia científica.** Psicol. cienc. prof., jun. , vol.20, no.2, p.32-37. ISSN 1414-9893. 2000.

MORENO, Jacob Levy. **Psicodrama.** São Paulo: Editora Cultrix, 1993.

NERY, Maria da Penha e CONCEIÇÃO, Maria Inês Gandolfo. **Sociodrama e política de cotas para negros:** um método de intervenção psicológica em temas sociais. Psicol. cienc. prof., mar. , vol.25, no.1, p.132-145. ISSN 1414-9893. 2005

PARDO, M. B. L. **Modelo de análise para a formação profissional.** In: XVII International School Psychology Colloquim, 1995, Campinas-SP. The child's future in school, family and society- Proceedings. Campinas- SP : Átomo, 1994. v. 2. p. 276-280.

PERRENOUD, Philippe. **Sucesso na escola:** só o currículo nada mais que o currículo! Cadernos de Pesquisa, n. 119, p. 9-27, julho. 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da (2000a). **Antropologia do ciborgue:** as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

WITTER, Geraldina Porto, GONÇALVES, Carmem Lúcia C. Gonçalves, WITTER, Carla, YUMITSU, Maria Teresinha C. P. NAPOLITANO, José Roberto. **Formação e estagio acadêmico em psicologia no Brasil.** In: FRANCISCO, Ana Lúcia. KLOMFAHS, Carolina do Rocio, ROCHA, Nádia Maria Dourado. Psicólogo Brasileiro: Construção de novos espaços. São Paulo, Átomo, 1992